

Na divisa entre Mato Grosso e Pará, redes criminosas fazem tráfico de adolescentes para serem exploradas em prostíbulos ao longo da BR-163.

por Marques Casara
e Tatiana Cardeal

Castelo de Sonhos

Outdoor nas margens da BR-16, próximo à cidade de Matupá.



Matupá está localizada nas bordas da Floresta Amazônica, bem acima dos intermináveis campos de soja que dominam a paisagem brasileira desde o estado do Paraná, 2 mil quilômetros ao sul. O lugar foi desbravado por garimpeiros que chegaram nos anos 80 e ficaram até a segunda metade da década de 90, seguindo rumo ao norte, em busca do sonho dourado que parece estar sempre além, em jazidas cada vez mais distantes.

Este é um mundo onde as coisas acontecem à moda antiga, sem muito apego à vida ou respeito à morte, pois o que vale é a busca do Eldorado. Extinto o filão, seguem para outro garimpo, outras terras, em um eterno recomeço que nunca chega ao fim.

Depois da febre do ouro vieram os madeireiros, que ainda estão nesta região ao norte do Mato Grosso, forçando a fronteira agrícola nas rotas abertas pelo garimpo. Empunham motosserras e derrubam árvores com a mesma determinação que seus precursores escavaram o ou-

ro, em uma incansável guerra contra a selva e a malária.

Quando os garimpeiros foram embora de Matupá e deram lugar aos madeireiros, deixaram para trás os buracos na terra e um legado genético que chamam aqui de a herança do garimpo, filhos que mal conheceram ou nem sequer se deram ao trabalho de registrar. Ninguém sabe ao certo quantos são, pois em diversas ruas da cidade há uma casa onde vive o filho ou a filha de um pai que ficou menos do que o necessário para deixar saudades. Crianças que hoje estão na adolescência e têm um perfil muito parecido: baixa escolaridade, problemas de auto-estima, falta de referências familiares, pobreza, envolvimento com drogas e pequenos furtos.

Nesta reportagem, as adolescentes e seus pais tiveram seus nomes substituídos para protegê-los. Todas as entrevistas foram acompanhadas pelo Conselho Tutelar.

Mariana, 17 anos, é uma dessas garotas. Ela pouco fala com a mãe e vive com uma amiga desde que voltou pela segunda vez de Castelo de Sonhos, pequena cidade às margens da BR-163, a cerca de 230 km de Matupá, no centro-oeste do Pará.

Ela foi para lá pela primeira vez aos 15 anos, levada por uma mulher que trabalha no aliciamento e no tráfico de crianças e adolescentes para fins de exploração sexual ao longo da BR-163. A mulher atravessa a divisa com o Pará, aciona sua rede de contatos no Mato Grosso e volta com duas ou três jovens, levadas para locais de prostituição localizados em Castelo de Sonhos, cidade que faz parte da região administrativa de Altamira, o

município com a mais extensa área geográfica do mundo, maior do que a Grécia.

O vilarejo, com cerca de 15 mil habitantes, é um porto seguro para os criminosos que controlam o tráfico de drogas e a exploração sexual no sul do Pará. O único policial civil do lugar anda a pé, pois não tem viatura. O posto da Polícia Militar tem um cabo e quatro soldados, que se revezam em um plantão ineficiente e incapaz de reprimir as ocorrências mais triviais. Eles têm viatura, mas não o combustível para movimentá-la.

Castelo de Sonhos é um distrito de Altamira, mas o problema é que está localizado a mais de mil quilômetros da sede. Qualquer questão que envolva a administração pública é praticamente inviabilizada pela distância. A estrada é de terra e boa parte do ano fica intransitável por causa das chuvas. É como um mundo perdido no meio da selva.

Em Castelo de Sonhos não tem Poder Judiciário, não existe Ministério Público e também não há um representante do Conselho Tutelar, que, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, tem a função de zelar pelos direitos da infância e da adolescência.

Ausência do Estado

A primeira vez que Mariana foi levada de Matupá para Castelo de Sonhos foi em 2006. Na época, o Conselho Tutelar de Matupá foi acionado pela mãe da garota, informada de que ela havia sido aliciada pela mulher que faz o serviço na rota entre o Mato Grosso e o Pará.



A pavimentação da BR-163, entre a divisa do Mato Grosso e Santarém, prevista nas obras do PAC, pode contribuir para o agravamento da exploração sexual.

Avisado do ocorrido, o conselheiro tutelar de Matupá, Heraldo Rodrigo Ricieri, ligou para o orelhão próximo ao posto da Polícia Militar em Castelo de Sonhos informando a ocorrência. “Precisei ligar uns três ou quatro dias até que alguém atendesse”, recorda ele. “Quando finalmente consegui falar com um policial, ele disse que esse assunto não era com ele e que eu deveria procurar o Conselho Tutelar em Altamira, a mais de mil quilômetros dali.”

Matupá está bem mais perto de Castelo de Sonhos

Castelo de Sonhos é um lugar sem Poder Judiciário, sem Ministério Público e onde a polícia anda a pé por falta de viatura.



À esquerda, Mariana em frente ao portão de sua casa. Acima, trecho da BR-163 que liga Matupá à Castelo de Sonhos: 200 km de estrada de terra.



Fotos: Tatiana Cardeal

do que Altamira (230 quilômetros). Mas fica no Mato Grosso e a polícia local não pode cruzar a divisa com o Pará para buscar Mariana, a não ser que houvesse uma negociação entre os dois governos estaduais, o que nunca ocorreu desde a criação dos municípios.

Diante do impasse, Ricieri procurou o Conselho Tutelar de Altamira. Foi informado que nunca um conselheiro tutelar de Altamira foi ao distrito de Castelo de Sonhos. Caso desejasse ir até lá, com alguma sorte demoraria cinco ou seis dias para percorrer os mil e tantos quilômetros de estrada de terra.

Contudo, a logística envolvida seria gigantesca para os padrões locais. Falta pessoal, segurança, transporte e pousadas para pernoite na estrada que corta a selva.

Falta também um voluntário disposto a arriscar o pescoço, alguém com suficiente desprendimento para ir sem proteção a um lugar dominado pelo crime organizado. Para um conselheiro tutelar, entrar em Castelo de Sonhos desacompanhado seria como colocar a cabeça dentro da boca de uma onça. Chegando lá, o conselheiro nem sequer poderia contar com a proteção dos policiais locais. "Há denúncia de envolvimento de policiais com o crime organizado", diz o sindicalista rural

Aloísio Sampaio dos Santos, um dos poucos moradores de Castelo de Sonhos que aceitou falar sobre o problema, talvez porque isso não mude muito a sua situação, já que está na fila dos homens marcados para morrer.

Teoricamente, Santos está amparado pelo Serviço de Proteção à Testemunha da Secretaria Especial de Direitos Humanos. Na prática, contudo, ele tem que se virar como pode, pois não recebe proteção alguma, já que a força pública local não passa de uma mera formalidade, para dizer o mínimo. "Vivemos sob constante ameaça e é perigoso sair às ruas", diz ele, que herdou a presidência do sindicato do também agricultor Bartolomeu Moraes da Silva, o Brasília, que foi assassinado com 12 tiros na cabeça, após uma longa noite de torturas.

O outro morador de Castelo de Sonhos que aceitou falar foi o líder comunitário e radialista Douglas Araújo, outro jurado de morte e que também está sob a proteção do Serviço, pelo menos no papel.

Araújo chegou a passar 15 dias e 15 noites escondido no forro de uma casa para fugir de pistoleiros que o procuravam ostensivamente por todo o vilarejo. "Estou sendo perseguido há oito anos. É um lugar sem lei, onde o Estado não existe de fato."

Este é o cenário de Castelo de Sonhos, para onde levaram Mariana pela primeira vez aos 15 anos. Ela ficou um ano sendo explorada sexualmente em um prostíbulo localizado na rua principal. Quando foi resgatada, ela estava grávida de oito meses.

Não houve uma mobilização municipal ou estadual para ir buscá-la, tampouco a ação de forças policiais. Quem tirou Mariana do prostíbulo foi a própria mãe, em um ato de desespero que colocou em risco a própria vida e a da filha grávida. "Ninguém quis me ajudar, fui lá sozinha", diz Lourdes, que resgatou a filha sem ser vista e voltou com ela de ônibus.

Dois anos depois, com o filho aos cuidados da avó, Mariana voltou a Castelo de Sonhos em companhia de uma aliciadora conhecida como Teresona, muito popular nos prostíbulos do sul do Pará, mas que todavia nunca foi incomodada pelas autoridades.

Tráfico de pessoas

Nas mãos uma traficante como Teresona, uma adolescente em boas condições físicas pode valer até 2 mil reais na venda para o prostíbulo, que recupera o dinheiro em menos de um mês.

No garimpo, uma adolescente pode ser vendida por até 10 mil reais. Dependendo da distância, da quantidade de mulheres à disposição dos clientes e do grau de repressão ou corrupção policial, pode valer ainda mais.

É um negócio bastante rentável e que prolifera às margens da ineficiência do Estado. No sul do Pará, onde as distâncias são medidas em dias e as polícias andam a pé, o tráfico de pessoas é uma atividade em alta.

Em maio de 2008, a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) entregou um dossiê de 80 páginas à Comissão da Amazônia da Câmara dos Deputados. O documento cobra a intervenção imediata das autoridades federais, principalmente no sul do Pará, onde três bispos foram ameaçados de morte depois de denunciar o tráfico de crianças e adolescentes para fins de exploração sexual. Desde 2006, sem sucesso, a CNBB tenta alertar as autoridades para o problema, quando uma rede de exploração foi denunciada pelo bispo José Luiz Azcona, hoje também sob ameaça de morte.

De lá para cá, ninguém foi indiciado e as redes continuam trabalhando normalmente. "Queremos alguma providência concreta para a situação dessas crianças e adolescentes", pede a secretária executiva da CNBB no Pará, Orlanda Rodrigues Alves. O alerta da CNBB foi enviado a organizações de direitos humanos em todo o mundo, na expectativa de que a pressão de fora ajude a sensibilizar as autoridades brasileiras.

"Na principal rua de Castelo de Sonhos é onde ocorre o tráfico de drogas e a exploração sexual de meninas a partir dos 12 anos. Aqui é mais fácil comprar drogas do que cigarro, a polícia é corrupta e está envolvida em torturas."

Douglas Araújo, radialista e líder comunitário.



Aloísio Sampaio dos Santos, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Castelo de Sonhos: cabeça a prêmio.

À esquerda, a delegacia fechada em plena segunda-feira. À direita, o radialista Araújo no estúdio da emissora.



"Ela estava com uma barriga enorme e sentia muito medo. Fugiu do Cabaré pela janela dos fundos e conseguimos voltar sem sermos pegas."

Lourdes, mãe de Mariana.



Lourdes, em sua casa na cidade de Matupá.

Na região de Castelo de Sonhos, as adolescentes aliciadas para fins de exploração sexual são oriundas, em sua maioria, dos municípios do norte do Mato Grosso. O aliciamento em um estado e a exploração sexual em outro facilita a vida dos exploradores, pois não existe sinergia entre as polícias dos dois estados.

Histórias comuns

Quando Mariana foi aliciada pela segunda vez, aos 17 anos, novamente teve que ser resgatada pela mãe, segundo ela, “à unha”: “Minha filha estava morando com um traficante. Ficava com ele de dia e trabalhava no cabaré à noite. Ela não queria vir, tive que trazer quase arrastada”, lembra a mulher, que trabalha em Matupá como faxineira e tem duas filhas.

“Dos nossos 11 filhos, perdemos três para a prostituição em Castelo de Sonhos.”

Francisca, agricultora em Matupá.

Mariana é a mais velha, filha de um garimpeiro. A mais nova é filha de outro garimpeiro. Ambos passaram por Matupá na febre do ouro e foram embora do mesmo jeito que chegaram, sem deixar lembranças ou firmar compromisso com o que ficou para trás. “Os homens do garimpo são assim”, lembra Lourdes, resignada. A filha que foi aliciada, Mariana, é uma moça de pouquíssimas palavras. Nosso contato com ela aconteceu um mês depois de ter voltado de sua segunda viagem a Castelo de Sonhos. A conversa foi acompanhada pelo representante do Conselho Tutelar e ela optou por não responder perguntas ligadas à sua vida no Pará. Preferiu falar dos planos futuros: “estudar, arrumar emprego, sair com as amigas, ter um namorado”. Voltaria um dia a Castelo de Sonhos? “Não sei, talvez.”

Assim como Lourdes e sua filha Mariana, muitas famílias tiveram suas filhas adolescentes aliciadas por Teresona e por um casal também muito conhecido na região, Fernando Leite Pereira e Valquíria Rodrigues Correia.

Somente uma família teve três meninas aliciadas. São as filhas do casal Francisca e Roberto, agricultores aposentados que vivem atualmente em Matupá.

Francisca é atualmente responsável pela criação de quatro netos, filhos das adolescentes que foram embora. “Elas aparecem aqui, deixam os filhos e voltam sem dar explicações. Não sabemos se elas são forçadas a fi-

car por lá, pois não falam sobre isso”, comenta Roberto.

A primeira filha do casal foi levada aos 11 anos de idade. As outras duas aos 12, sempre do mesmo modo, aliciadas por uma mulher ou um casal. “Prometem para as meninas uma vida diferente, dinheiro, presentes, mas quando chegam lá encontram uma situação terrível e da qual dificilmente conseguem sair”, explica o conselheiro Heraldo Ricieri.

História parecida aconteceu com o casal Odete e Maurício, também agricultores aposentados que vivem na periferia de Matupá. No caso deles, a neta que estava sob seus cuidados é que foi aliciada, aos 15 anos. “Ela teve dois filhos em Castelo de Sonhos e trouxe para a gente criar”, lembra a avó. “Um dia, veio aqui e pegou o mais velho, de 3 anos, dizendo que iria visitar uma tia em Paranaguá. Ficou lá uns dias e o menino desapareceu. Depois, ela confessou que tinha vendido o filho para uma mulher que a procurou, uma história que até hoje a polícia não investigou até o fim.”

Segundo o relato dos avós, há alguns meses a neta voltou para buscar o outro filho, agora com 4 anos, mas os avós se recusaram a entregar. “Ela reclamou até cansar, mas não entregamos a criança”, conta Maurício. O menino ainda não foi registrado e os avós tentam agora vencer a burocracia para dar à criança uma certidão de nascimento e a matrícula escolar.

Investigação

Em Matupá e em outros quatro municípios, as investigações policiais estão a cargo de um único delegado, David Fernandes e Silva, um policial sobrecarregado pela falta de policiais na região. “Nenhum delegado quer vir pra cá”, diz ele.

Indagado sobre as investigações que envolvem a exploração sexual de crianças e adolescentes na região, diz que pouco pode fazer. “Só podemos investigar se houver representação criminal. O Estado deixou por conta da vítima a decisão de denunciar ou não.” Atualmente, na delegacia de Matupá não existe em andamento nenhuma investigação ligada à exploração sexual de crianças e adolescentes. “O que mais temos aqui é abuso, coisas que acontecem dentro da própria casa”, informa Fernandes.

Em 2006, as mães das dezenas de adolescentes levadas pelos aliciadores chegaram a acreditar em um final menos trágico para suas histórias. Graças à denúncia de uma dessas mães, um cerco da Polícia Militar do Mato Grosso prendeu, na rodoviária de Guarantã do Norte, a 50 quilômetros da divisa com o Pará, o casal de aliciadores já citados, Fernando Pereira e Valquíria Correia. O casal preparava-se para seguir viagem para Castelo de Sonhos levando duas adolescentes, entre elas a filha da mãe que fez a denúncia.



Francisca criou os netos gerados em Castelo de Sonhos.



Adolescentes em situação de exploração sexual na BR-163.



Assistente social de Matupá (esq.) acompanha atividade pedagógica com adolescente vítima de violência sexual.



Presos em flagrante, foram levados para a delegacia de Guarantã do Norte. No dia seguinte, sem maiores explicações às mães e ao Conselho Tutelar, o casal foi posto em liberdade e nunca mais foi visto.

A reportagem foi à delegacia de Guarantã do Norte obter explicações sobre o que foi feito com o casal. Fizemos três visitas pessoalmente e sete ligações telefônicas. Em todos os contatos a resposta foi a mesma: “Ainda não localizamos o boletim de ocorrência ou o inquérito referente a essa prisão”, disse em todas as ocasiões em que foi procurada a escritã da delegacia, que se identificou apenas como Lúcia.

Na expectativa de que houvesse sido instaurado um inquérito por tráfico de pessoas, fomos ao Fórum de Guarantã do Norte, onde o responsável pela distribuição, Júnior Petroni, foi taxativo: “Aqui não chegou nenhum inquérito contra essas pessoas, vocês precisam procurar na delegacia”.

Tentamos então localizar o titular da delegacia na época da prisão, o delegado Richard Damasceno. Fomos informados de que havia sido transferido para Sinop, cidade na região central do Mato Grosso.

Em Sinop, a informação era de que o delegado estava preso desde o fim de 2007, acusado de ser o braço direito, dentro da polícia, do chefe do crime organizado no Mato Grosso, João Arcaño Ribeiro.

Em Matupá, o Conselho Tutelar tem um documento datado de 19 de dezembro de 2006. Diz o trecho final: “Na imediata ação, este Conselho Tutelar acionou o Comando da Polícia Militar e o Conselho Tutelar de Guarantã do Norte e dirigiu-se para aquela cidade, onde em um cerco no terminal rodoviário constatamos a presença de... (nome de uma adolescente), Valquíria Rodrigues Correia e Fernando Leite Ferreira, os quais diante do fato foram levados à Polícia Civil daquela cidade para as medidas cabíveis”.

É o registro oficial do único momento em que se che-

CONSELHO TUTELAR DE MATUPÁ
RUA LUIZ MENA, Nº 196 ZH2-001 – CENTRO DE MATUPÁ-MT

CONFIDENCIAL

FIXA DE ATENDIMENTO

Nome: _____ Idade: 15 anos

Paí: _____

Mãe: _____

Endereço: _____, município de Matupá-MT

Indiciado: Valquíria Rodrigues Correia de 20 anos e Fernando Leite Pereira de 25 anos de idade.

Natureza: Tráfico e exploração sexual

RELATO

Aos 10 dias do mês de dezembro de 2006 o Conselho Tutelar de Matupá, recebeu uma denúncia de que adolescentes estariam sendo levadas para a cidade de Castelo do Sonho - PA, para serem exploradas sexualmente em uma casa de prostituição, diante dos fatos este CT começou as investigações. Foi levantado dois nomes de adolescentes,

chegar em Guarantã do Norte - MT (Divisa), e logo retornaria ao Pará. Na imediata ação este CT acionou a o comando da Polícia Militar e Conselho Tutelar de Guarantã do Norte e dirigiu-se para aquela cidade, onde em um cerco no terminal rodoviário constatamos a presença de _____, Valquíria Rodrigues Correia e Fernando Leite Ferreira os quais diante do fato foram levados a Polícia Civil daquela cidade para as medidas cabíveis. Este CT determinou medida de proteção as duas adolescentes, as quais serão acompanhada pelo Programa SENTINELA.

Documento do Conselho Tutelar de Matupá registra a prisão do casal de aliciadores, posteriormente liberado pela Polícia Civil.

gou mais ou menos perto de se desvendar a rede de exploração sexual de crianças e adolescentes nesta região do país. Passados quase dois anos da prisão do casal, a região norte do Mato Grosso segue sendo um local confiável para a atuação das redes criminosas, facilitadas pela inoperância do Estado e pela corrupção dos órgãos responsáveis pela repressão ao crime organizado.

A estrada que liga o norte do Mato Grosso a Castelo de Sonhos, seguindo depois em direção a Santarém, é a BR-163. O asfaltamento desse trecho, com mais de mil quilômetros, está previsto para começar no segundo semestre de 2008, no âmbito das obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Antes da pavimentação deveriam chegar as ações sociais que minimizariam os impactos da obra, que vai aumentar drasticamente o fluxo de caminhões que trafegam no caminho de Castelo de Sonhos.

Em Matupá, o medo é que a chegada dos caminhões aumente ainda mais a exploração sexual de crianças e adolescentes. Serão milhares de caminhões trafegando por aquele trecho e escoando principalmente a produção oriunda da agroindústria. É uma região onde famílias estão vendo suas filhas serem impunemente traficadas como mercadorias. O asfalto, contudo, parece que vai chegar antes das ações sociais.

Até quando essas mães terão que resgatar sozinhas suas filhas, à unha, como diz uma delas, é uma pergunta que ainda está em aberto no norte do Mato Grosso.

Placa de “boas-vindas” na entrada sul do vilarejo.

